

A PESQUISA NARRATIVA: UMA ESTRATÉGIA INVESTIGATIVA SOBRE O SER PROFESSOR

Renata Cristina da Cunha

RESUMO:

O presente artigo, resultante de pesquisa em desenvolvimento junto ao programa de Mestrado em Educação (PPGED) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), tem como questão central a seguinte indagação: Como a pesquisa narrativa contribui para a investigação sobre o ser professor? Nessa perspectiva, o objetivo geral desse estudo é analisar a contribuição da pesquisa narrativa para investigações sobre o ser professor. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica no âmbito da qual dialogamos com autores, tais como: Connelly e Clandinin (1990, 1995, 2000), Cunha (1997), Souza (2006, 2008) entre outros. Além das considerações iniciais e finais, o artigo contempla mais três subtópicos. No primeiro, apresentamos variadas de narrativas. No segundo, apontamos os fatores que tornam a pesquisa narrativa uma nova estratégia de investigação sobre a formação de professores. No terceiro apresentamos algumas especificidades sobre a pesquisa narrativa à luz do referencial teórico discutido no primeiro subtópico. Nas considerações finais, ressaltamos que a pesquisa narrativa oportuniza aos docentes um mergulho interior, proporcionado não apenas pela investigação da própria prática, mas sobretudo por suas lembranças e experiências formadoras, refletindo de maneira consciente sobre os acontecimentos que realmente contribuíram para sua formação pessoal e profissional.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa narrativa. Ser professor. Investigação e formação.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao longo das últimas décadas a pesquisa em educação com abordagem qualitativa vem adotando as narrativas como uma estratégia investigativa sobre o 'ser professor', entre outros porque permite que o professor seja simultaneamente sujeito e objeto do estudo. Nessa perspectiva, a pesquisa narrativa adquire uma dimensão dupla: de investigação e de formação, o que consideramos uma das principais fortalezas dessa estratégia. Sobre a dimensão dupla da pesquisa narrativa, Souza (2006) esclarece que:

essa perspectiva de trabalho, [...] configura-se como investigação porque se vincula à produção de conhecimentos experienciais dos sujeitos adultos em formação. Por outro lado, é formação porque parte do princípio de que o sujeito toma consciência de si e de suas aprendizagens experienciais quando

vive, simultaneamente, os papéis de ator e investigador da sua própria história. (p.26)

Embora esta estratégia investigativa seja considerada uma novidade, a utilização das escritas sobre si, em outras palavras das narrativas (auto) biográficas, não é recente; pelo contrário é uma tradição bastante antiga, que se originou com os primeiros gregos, especialmente com a Poética de Aristóteles. Em seu livro Confissões, Santo Agostinho, que viveu na transição da Idade Antiga para a Idade Média, narra em relatos e diários sua conversão ao cristianismo. (RICOUER,1997)

Séculos depois, na Idade Moderna, um outro livro também chamado Confissões, de Rousseau, dedica-se às escritas sobre si. Nele, o filósofo narra suas experiências e vivências, além de descrever sua personalidade e seus hábitos. Na contemporaneidade, a Sociologia, a História, a Filosofia, a Psicologia e a Antropologia foram as primeiras ciências a utilizarem as narrativas em seus campos de estudo. Na área da educação, em especial na formação de educadores, as pesquisas com narrativas vem crescendo no Brasil a partir de meados dos anos 1990 do século passado (SOUSA, 2006).

Sobre a pesquisa narrativa, Catani et al.(1997) explicam que:

o que se convencionou chamar de pesquisa narrativa, no campo educacional, enfatiza a variedade de práticas de investigação e formação assim agrupadas, como iniciativas que vêm se firmando no campo desde a década de 80, principalmente na Europa, e que deve muito às tentativas de re colocação do sujeito no centro das interpretações das ciências humanas.(p.20)

Dentre os estudos produzidos no Brasil, no final da década de 1990 e início do ano 2000, Souza (2006), em seu artigo A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação, relaciona os seguintes autores que contribuíram para a ampliação da utilização da pesquisa narrativa na formação de professores: Kramer e Souza (1996); Bueno, Sousa, Catani e Souza (1997, 1998); Freitas (1998); Fontana (2000); Oliveira (2000); Vasconcelos (2000); Moraes (2000); Silva (2003) dentre outros.

No entanto, antes de nos atermos às especificidades da pesquisa narrativa na área educacional, apresentamos algumas definições para narrativas em variadas áreas do conhecimento.

1 NARRATIVAS: UM GÊNERO LITERÁRIO

Na essência, as narrativas são formas orais e/ou escritas de contar histórias reais ou imaginárias, comumente associadas à Linguística, ciência que investiga o sentido estrutural das narrativas. Na perspectiva dessa ciência, as narrativas são uma modalidade específica do discurso. Por outro lado, para Benjamin (1994), filósofo e sociólogo francês do século XX, narrativa é:

uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (p.205)

As experiências passadas de pessoa para pessoa são consideradas por Benjamin (idem) a fonte a qual os narradores recorrem. Nessa perspectiva, as narrativas adquirem um status especial, pois através delas as pessoas se comunicam, trocando experiências. No entanto, o autor acredita que a arte da narração está prestes a desaparecer, pois a cada dia menos pessoas se utilizam das narrativas para se comunicarem, ou seja para intercambiarem suas experiências. A difusão desenfreada da informação pela sociedade capitalista é apontada pelo autor como principal causa para isso.

Embora as informações possam assemelhar-se à narrativa de determinados fatos, as ações de narrar e informar são distintas. A informação é conclusiva, busca apenas a explicação do fato ocorrido e pode ser contada por qualquer um. A narrativa, por sua vez, é inconclusiva, busca a compreensão do fato ocorrido e tem impressa a marca do narrador. A voz e/ou a escrita do narrador são instrumentos através dos quais são compartilhadas as experiências vivenciadas. Assim, narrar é muito mais do que informar, é compreender. (CAMASMIE, 2007).

Para Barthes (1976), filósofo e sociólogo francês, contemporâneo de Benjamin, a narrativa começa com a nossa história, com a história da humanidade, estando assim presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades. Nas palavras do autor, considerado mestre na arte das narrativas:

A narrativa pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas estas substâncias. A narrativa está presente em mito, lenda, fábula, conto,

novela, epópeia, história, tragédia, drama, comédia, mímica, pintura, vitrais de janelas, cinemas, histórias em quadrinhos, notícias, conversação. Além disso, sob esta quase infinita diversidade de formas, a narrativa está presente em cada idade, em cada lugar, em cada sociedade; ela começa com a própria história da humanidade e nunca existiu, em nenhum lugar e em tempo nenhum, um povo sem narrativa [...] ela está simplesmente ali, como a própria vida.(p. 19-20).

Nessa perspectiva, concordamos com o autor, quando ressalta que não há experiência humana que não possa ser expressa em narrativas. Para Bruner (1997, p. 34), “a narrativa é um modo de pensamento, pois ela se apresenta como princípio organizador da experiência humana no mundo social, do seu conhecimento sobre ele e das trocas que ele mantém.” O psicólogo e pedagogo americano destaca o papel das narrativas no processo de aprendizagem humana, por proporcionar o compartilhamento de experiências e vivências entre as pessoas.

Para Bolívar (2001, p.220), “a narrativa é uma estrutura central no modo como os seres humanos constroem o sentido. O curso da vida e a identidade pessoal são vividos como uma narração.” O pesquisador espanhol ressalta que ao narrar tanto as trajetórias pessoais e profissionais, os seres humanos produzem um conhecimento estratégico através do qual (re) constroem a própria existência.

Barthes (1976, p.25) afirma que “o ser humano é essencialmente um contador de histórias que extrai sentido do mundo através das histórias que conta.” Na mesma direção, para Delory-Momgerger (2008, p.37) “é a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida; é ela, enfim, que dá uma história a nossa vida: não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida.” Na mesma perspectiva, Connelly e Clandinin (1990), teóricos americanos dedicados a estudos sobre as narrativas, nos lembram que:

os seres humanos são organismos contadores de histórias, organismos que individual e socialmente, vivemos vidas relatadas. O estudo da narrativa, portanto, é o estudo da forma como nós, seres humanos experimentamos o mundo. Dessa idéia geral se deriva a tese de que a educação é a construção e a re-construção de histórias pessoais e sociais: tanto os professores como os alunos somos contadores de histórias e também personagens nas histórias dos demais e nas suas próprias. (p.11)

Nessa perspectiva, a narrativa pode ser útil tanto como instrumento na pesquisa educacional, quanto como método, pois possibilita ao pesquisador capturar a essência da

experiência humana e, conseqüentemente, da aprendizagem e mudança humana. Para Cunha (1997, on-line), pesquisadora brasileira da área educacional, “as narrativas não são meras descrições da realidade, elas são, especialmente, produtoras de conhecimentos que, ao mesmo tempo em que se fazem veículos, constroem os condutores.”. Entendemos que ao narrar, o ser humano simultaneamente produz e compartilha novos conhecimentos com seus interlocutores.

Clandinin e Connelly (2000) afirmam que narrativa pode referir-se tanto ao fenômeno narrado, quanto ao método de se compreender as vivências narradas. Segundo os autores, tanto a expressão pesquisa com narrativa, quanto pesquisa narrativa, está correta, pois a narrativa é tanto fenômeno, quanto um método. Nessa perspectiva, a pesquisa narrativa surge como uma nova metodologia tanto para as Ciências Humanas, quanto para as Sociais.

2 A PESQUISA NARRATIVA: UMA ESTRATÉGIA INVESTIGATIVA

Para diferenciar os termos pesquisa com narrativa e pesquisa narrativa, Clandinin e Connelly (2000) sugerem chamar o fenômeno estudado de história e a pesquisa de narrativa. Os autores ressaltam que “as pessoas por natureza protagonizam vidas cheias de histórias e contam histórias dessas vidas, enquanto os pesquisadores narrativos descrevem tais vidas, coletam e contam histórias sobre elas e escrevem narrativas da experiência.” (ibidem, p.59). Quando narra uma história, o narrador-autor articula simultaneamente algumas ações ligadas ao (re) viver e a (re) explicar as histórias que vivenciou, de forma que todas as vozes passam a ser ouvidas.

Sobre a pesquisa narrativa, Bolívar (1997, p.2) afirma que “contar as próprias vivências e ler, no sentido de interpretar, ditos feitos e ações, a luz das histórias que os atores narram, se converte em uma perspectiva peculiar de investigação”. Kramer (1998, p.23) contribui afirmando que “resgatar a história das pessoas significa vê-las reconstituírem-se enquanto sujeitos e reconstituir também sua cultura, seu tempo, sua história, re-inventando a dialogicidade, a palavra”.

Nessa perspectiva, a dupla dimensão da pesquisa narrativa atribui ao professor o papel de sujeito do estudo, recolocando-o no centro das pesquisas educacionais, pois ao mesmo tempo em que a pesquisa narrativa possibilita ao professor investigar sua própria prática e produzir seus saberes, garante o espaço para a formação docente, através da reflexão coletiva e socialização profissional. Nas palavras de Moraes (1999/2000, p.81),

A narrativa não é um simples narrar de acontecimentos, ela permite uma tomada reflexiva, identificando fatos que foram, realmente, constitutivos da própria formação. Compartilhar histórias de vida permite a quem conta a sua história, refletir e avaliar um percurso compreendendo o sentido do mesmo entendendo as nuances desse caminho percorrido e reaprendendo com ele. E a quem ouve (ou lê) a narrativa permite perceber que a sua história entrecruza-se de alguma forma (ou em algum sentido/lugar) com aquela narrada (e/ou com outras); além disso abre a possibilidade de aprender com as experiências que constituem não somente uma história mas o cruzamento de umas com as outras.

Na mesma direção, Cunha (1997) ressalta a dupla dimensão das narrativas, que podem ser utilizadas tanto para fins de ensino com uso didático, quanto para a pesquisa com fins investigativos. Segundo a autora, as narrativas no campo educacional são utilizadas como instrumento de formação, sendo que nesse caso específico, o que mais interessa não é o produto final, mas sim o processo de produção das narrativas. Com fins investigativos, as narrativas são usadas como instrumento para a coleta de dados.

Ao recorrer a esse instrumental, o pesquisador legitima o papel do ser humano como produtor de conhecimentos, no caso específico das narrativas, um ser contador de histórias, cujos pensamentos, emoções, sentimentos e sobretudo experiências são fontes inesgotáveis de ‘dados’.

Para Jovchelovitch e Bauer (2002, p.110) “a narrativa privilegia a realidade do que é experienciado pelos contadores de história: a realidade de uma narrativa refere-se ao que é real para o contador de história”. Nessa perspectiva, o homem legitima o papel de um ser narrador, compartilhando com mestres e sábios o poder de contar histórias, cujo desafio é contá-las de inteiras e com dignidade.

Ainda refletindo sobre o ser narrador, Larrosa (1998, p.38) afirma que “quando contamos nossas histórias e experiências para os outros, de forma escrita ou oral, elas deixam de ser somente nossas, pois passam a fazer parte da vida do outro.” Assim, as narrativas possibilitam o entrelaçamento das vidas do narrador e do ouvinte, no nosso caso do pesquisador, que ao compartilhar dos relatos do narrador, pode tanto reinterpretá-los, quando recriá-los consoante às suas próprias formas de pensar, sentir e agir.

Para Sousa (2008, p. 96), “o pesquisador que trabalha com narrativas interroga-se sobre suas trajetórias e seu percurso de desenvolvimento pessoal e profissional, mediante a escuta e a leitura da narrativa do outro.” Nessa perspectiva, as experiências narradas pelo professor permitem que o pesquisador reflita sobre o seu próprio processo formativo,

imprimindo um caráter colaborativo à pesquisa narrativa. Sobre esse caráter, Connelly e Clandinin (1995, p. 21-22) ressaltam que:

A investigação narrativa é um processo de colaboração que enseja uma mútua explicação e re-explicação de histórias à medida que a investigação avança. No processo de começar a viver a história compartilhada da investigação narrativa, o investigador tem que ser consciente de estar construindo uma relação em que ambas as vozes são ouvidas [...] uma relação em que ambos, praticantes e investigadores, se sintam ligados por seus relatos e tenham voz com que contar suas histórias.

Ao falar e/ou escrever sobre si, o narrador estabelece uma forma de comunicação que transita entre dois mundos inseparáveis: o individual e o coletivo, pois a dualidade “eu” e “outro” estão impressas tanto no contador de histórias, quanto no ouvinte das histórias, ou seja no pesquisador. Souza (2004, p.393) resalta que “a narrativa [...] permite ao sujeito compreender, em medidas e formas diferentes, o processo formativo e os conhecimentos que estão implicados nas suas experiências ao longo da vida porque o coloca em ‘transações’ consigo próprio, com outros humanos e com o meio natural.” Nessa perspectiva, entendemos que quando os professores narram suas histórias pessoais e/ou profissionais, elas inegavelmente estão veiculadas aos grupos sociais com os quais os docentes conviveram e/ou convivem, especialmente a família e a escola.

Uma das defensoras da investigação narrativa é pesquisadora americana Elbaz (1990). Ao ser questionada sobre o porquê utilizar a pesquisa narrativa, a autora explica que a narrativa é um bom método de tornar públicas as vozes dos professores. Em seguida, enumera seis razões para justificar seu ponto de vista: 1) as histórias revelam conhecimento tácito docente; 2) têm lugar em um contexto significativo, no caso específico da escola; 3) apelam à tradição de contar histórias, característica peculiar dos seres humanos; 4) normalmente proporciona um aprendizado através de uma lição moral; 5) possibilitam que o professor externe suas críticas de um modo social aceitável e 6) refletem a relação inseparável entre pensamento e ação no ato de contar, facilmente perceptível no diálogo entre o narrador e o ouvinte.

Entre outros, as razões elencadas pelos teóricos supracitados fortalecem e embasam a nossa opção pela pesquisa narrativa, visto que ao narrar tanto suas experiências formadoras, quanto suas aprendizagens experienciais o professor sua subjetividade e o conhecimento que tem de si.

3 A PESQUISA NARRATIVA E SUAS ESPECIFICIDADES

Connelly e Clandinin (1995) nos lembram de uma especificidade importante acerca das narrativas: a temporalidade. Ressaltam que o tempo é um fenômeno que não pode ser desconsiderado nesse tipo de pesquisa, pois ao contar uma história, o autor-narrador articula a tríade temporal: presente, passado e futuro. Segundo Thomson (1997, p. 57), “[...] ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos ser no presente e o que gostaríamos de ser no futuro”. Em outras palavras, a história é narrada no presente, mas remete tanto o autor quanto o ouvinte às experiências vivenciadas no passado, com projeções para o futuro, pois “em termos gerais, o passado transmite a significatividade, o presente transmite valores e o futuro transmite a intenção” (ibidem, p. 38).

Na mesma direção que os autores americanos, Abrahão (2004, p.207) contribui ressaltando que “a perspectiva tridimensional do tempo narrado, também se apresenta no tempo pensado/ vivenciado, com as ambigüidades e, mesmo, contradições no seio dessas três instâncias, passado, presente, futuro.” Em seguida, a autora complementa afirmando que “as narrativas são, pois, elementos que trazem forte significado pessoal e articulam presente, passado e futuro, instigadas pela rememoração, trazendo não ‘uma vida como de fato foi, e sim uma vida lembrada por quem a viveu’ (BENJAMIN, 1994, p.86)” (p.210).

Ao recorrer às palavras de Benjamin (1994) para explicar a tridimensionalidade temporal, a autora expõe uma especificidade simultaneamente relevante e delicada da pesquisa narrativa: a fidedignidade dos fatos narrados, aspecto que tem sido fortemente criticado por aqueles que não reconhecem a fundamentação teórico-metodológica da pesquisa narrativa. No entanto, entendemos que são as representações da realidade e as ressignificações que o autor-narrador atribui às experiências vivenciadas constituem fontes de aprendizagem e formação tanto pessoal, quanto profissional. Em outras palavras, o que fica para o narrador não é o fato vivido tal e qual, mas sim o que tem significado para sua subjetividade.

Para Cunha (1997, on-line) “a narrativa não é a verdade literal dos fatos mas, antes, é a representação que deles faz o sujeito e, dessa forma, pode ser transformadora da própria realidade.” Na mesma perspectiva, Jovchelovitch e Bauer (2002, p.110) contribuem afirmando que “as narrativas não estão abertas à comprovação e não podem ser simplesmente julgadas como verdadeiras ou falsas; elas expressam a verdade de um ponto de vista, de uma situação específica no tempo e no espaço.” Nessa perspectiva, entendemos que os fatos e acontecimentos narrados pelo professor estão relacionados à sua subjetividade, pois retratam o seu olhar, o seu sentimento, o seu pensamento e a sua reflexão sobre o que acredita ser

verdadeiro, cabendo ao pesquisador buscar compreender a verdade, consoante o ponto de vista docente.

Uma outra especificidade da pesquisa narrativa, também inspiradora de cuidados, é a dimensão ética da pesquisa, “que envolve, em primeira instância a negociação do contrato, do trabalho com o grupo envolvido” (SOUZA, 2006, p.145). Em seguida, o autor acrescenta que:

a utilização e a publicização das identidades dos sujeitos envolvidos em processo de pesquisa e/ou de investigação-formação exige, do ponto de vista ético, uma aproximação e reaproximação das singularidades e subjetividades, bem como a adoção de alguns critérios: assinatura do termo de autorização (carta de cessão); explicitação dos procedimentos de análise e de como serão utilizadas as fontes na pesquisa; devolução e leitura do trabalho com o grupo e, conseqüentemente, revisão e autorização para utilização da narrativa.(idem, p.146).

De fato, a pesquisa narrativa nos remete a certos cuidados metodológicos que são específicos e singulares referentes às subjetividades dos interlocutores da pesquisa. O primeiro momento de contato entre a professora-pesquisadora e as seis participantes do estudo, a discussão e negociação do contrato, bem como o percurso metodológico percorrido no decorrer da investigação são descritos detalhadamente no item 1.5 - Os instrumentos e os procedimentos para a coleta dos dados.

Segundo Galvão (1995, p. 329), a narrativa como método de investigação em educação no Brasil contempla várias perspectivas, que incluem “[...] desde a análise de biografias e de autobiografias, histórias de vida, narrativas pessoais, entrevistas narrativas, etnobiografias, etnografias e memórias populares, até acontecimentos singulares integrados num determinado contexto.” Para Mercedes Pazos (2002, p. 111),

a diversidade de termos reflete diferentes perspectivas teóricas e metodológicas do trabalho com a abordagem biográfica [...] no campo das ciências sociais e da formação de professores, os quais são denominados como [...] estúdios narrativos, métodos de experiência pessoal, métodos biográficos, experiências de vida, histórias e relatos de vida, história oral, histórias e narrativas pessoais, autoetnografia, etc.

Assim, percebemos que as fontes e modalidades utilizadas na pesquisa narrativa podem ser separadas em dois grandes grupos: os documentos pessoais, que incluem fotografias, diários, agendas, cartas, entre outros, e as entrevistas narrativas, que podem ser

autobiográficas ou biográficas. (SOUZA, 2006). Os dados obtidos com a utilização dos recursos anteriormente citados podem ser coletados de forma oral e/ou escrita, cabendo ao pesquisador decidir qual delas se adequou mais ao perfil de seu estudo.

De fato, a escrita da narrativa oportuniza aos professores participantes do estudo um mergulho interior, proporcionado não apenas pela leitura, mas sobretudo pela escrita de suas lembranças e experiências formadoras, refletindo de maneira consciente sobre os acontecimentos que realmente contribuíram para sua formação pessoal e profissional. Para Cochran-Smith e Lytle (1999, p.325) afirmam que “um registro escrito de sua prática, serve para proporcionar aos professores um modo de reviver, analisar e avaliar suas experiências no tempo e em relação com outras estruturas de referência mais ampla”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que a escrita da narrativa oportuniza ao professor escolher que lembranças e experiências registrar, de maneira consciente e refletida, implicando na seleção cuidadosa das palavras e expressões a serem utilizadas. Ademais, o registro escrito também permite que o professor questione e avalie o que escreveu e como escreveu, posicionando-se simultaneamente como escritor e leitor, autor e ator das experiências e vivências narradas. Para Sousa (2008, p.93), “a escrita da narrativa nasce, inicialmente, de questionamentos dos sujeitos sobre o sentido de sua vida, suas aprendizagens, suas experiências e implica reflexões ontológicas, culturais e valorativas de cada um.”

De fato, acreditamos que a pesquisa narrativa provoca mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros. Tomando-se distância do momento de sua produção, é possível, ao "ouvir" a si mesmo ou ao "ler" seu escrito, que o produtor da narrativa seja capaz, inclusive, de ir teorizando a própria experiência. Este pode ser um processo emancipatório em que o sujeito aprende a produzir sua própria formação, determinando a sua trajetória (JOSSO, 2004).

São as especificidades anteriormente elencadas, as principais responsáveis pelo crescente interesse pela Pesquisa Narrativa, que temos testemunhado recentemente no contexto educacional, tanto no Brasil, quanto no mundo. Em uma perspectiva macro, consideramos a dupla dimensão desse tipo de pesquisa, investigação e formação, um dos principais pilares e que mais nos encanta nessa modalidade investigativa.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **A aventura (auto) biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BARTHES, R. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: _____. **Análise estrutural da narrativa**. Rio de Janeiro: Vozes, 1976.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOLÍVAR, A. **Profissão Professor: o itinerário profissional e a construção da escola**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BRUNER, J. **Atos de significação**. Tradução por Sandra Costa. Porto Alegre: Artmed, 1997.

CAMASMIE, A. T. Narrativa de histórias pessoais : um caminho de compreensão de si mesmo a luz do pensamento de Hannah Arendt. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007. Dissertação de mestrado. 105f. Disponível em http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4862. Acesso em: 2 fev. 2009.

CATANI, D. B. **Docência, memória e gênero** . São Paulo: Escrituras, 1997.

COCHRAN-SMITH, M. ; LYTLE, S. The teacher research movement: a decade later. **Educational Researcher**. Vol. 28, n.7 p.15-25, 1999.

CONNELLY, F. M. CLANDININ, J.; Stories of experience and narrative inquiry. **Educational Researcher**. Vol 19, n.5 p.2-14, 1990.

_____. **Teachers as curriculum planners: narratives of experience**. New York: Teachers College Press, 1995.

_____. **Narrative and story in practice and research**. New York: Teachers College Press, 2000.

CUNHA, M. I. da. CONTA-ME AGORA!: AS NARRATIVAS COMO ALTERNATIVAS PEDAGÓGICAS NA PESQUISA E NO ENSINO. **Rev. Fac. Educ.**, São Paulo, v. 23, n. 1-2, jan. 1997 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102->. Acesso em: 22 fev. 2009.

DELORY-MOMGERGER, C. **Les histoires de vie: de l'invention de soi au projet de formation**. Paris: Anthropos, 2008

ELBAZ, F. Teachers' knowledge of teaching: strategies for reflection. In: SMYTH, J. (Ed.) **Educating teachers : changing the nature of pedagogical knowledge**. London: The Falmer Press, 1990. p. 45-53

FRAGO, V. A. Relatos, relaciones autobiográficas de profesores y maestros. In: BENITO, A. E. ; DÍAZ, J. M. H. **La memória y el deseo: cultura de la escuela y educación deseada.** Valencia: Tirant, 2002. p. 135-175.

GALVÃO, C. Narrativas em educação. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 11, n. 2, p. 327-345, 1995

JOVCHELOVITCH, S. ; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W. ; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Petrópolis: Vozes, 2002. p. 90-113.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação.** Lisboa: EDUCA, 2004.

KRAMER, S. **Histórias de professores: leitura, escrita e pesquisa em educação.** São Paulo: Ática, 1998.

MORAES, A.A. de A. **Histórias de leitura em narrativas de professoras: uma alternativa de formação.** Manaus: Ed. Da Universidade do Amazonas, 1999/2000.

PAZOS, M. S. Historias de vida y fuente oral. Los recuerdos escolares. In: BENITO, Agustini; DÍAZ, José M. H. **La memória y el deseo: cultura de la escuela y educación deseada.** Valencia: Tirant, 2002. p. 105-133.

RICOUER, P. **Tempo e narrativa.** São Paulo: Papirus, 1997.

THOMSON, A. Reconstituo a memória. Questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. **Projeto História.** São Paulo, v.15, p. 51-84, 1997.

SOUZA, E.C.de (Org.). **Autobiografias, História de Vida e Formação: pesquisa e ensino.** Salvador/Bahia: EDUNEB - EDIPUCRS, 2006.

_____. **Histórias de vida e formação de professores.** São Paulo: Quartet, 2008.